

A BIBLIOTECA DE AREIA

A maré, ao recuar, abria corredores entre as poças, estantes liquefeitas onde os peixinhos ofegavam como leitores que adormecem sobre a página. Havia lombadas de algas, folhas soltas de concha, anotações apressadas do vento. O sol, alto, fazia de lamparina; a areia, porosa, cumpria a função de pergaminho antigo — palimpsesto em perpétua revisão.

O primeiro título que me veio foi Borges: uma biblioteca infinita, mas inclinada, salobra, que muda o catálogo duas vezes por dia. Em seguida, Foucault soprou pelos ouvidos: arqueologia do saber, sim, contudo aqui o saber é também pegada, cascalho, limo, coisa que range quando se pisa. Cada trilha sobre a lama era uma tese possível: as dos caranguejos, cuneiformes apressados; a morna serpentina deixada por uma moreia, linha de comentário marginal; os riscos finos dos talos de capim que o vento arrastou, sublinhados do acaso. E eu, leitor pretensioso, interpretava: Peirce teria chamado aquilo de índices, sinais que apontam para causas invisíveis — marés, luas, ventos — a cada manhã reescrevendo o prefácio.

Encontrei o bibliotecário daquela seara: um pescador de chapéu de palha, a barba de sal e paciência. Ele caminhava curvado, como quem lê letras pequenas. “Hoje o mar devolveu livros de água doce”, disse, mostrando com o queixo uma linha de folhas e troncos trazidos pelo rio, espalhados como notas de rodapé. Passou o dedo no limo de uma pedra e sorriu: “Fim de tarde vai ter trovão; o texto está cheio de vírgulas escuras.” Fiquei a segui-lo, aluno de uma escola sem campainha. Para cada sinal, ele tinha uma tradução: conchas abertas, “aspas” de um diálogo entre águas; garrafas vazias, erratas de veraneio; anzóis perdidos, epígrafes de imprudência. O homem falava pouco, mas em parágrafos discretos, a pontuação feita com o pescoço dos gaivotões.

A certa altura, ele apontou uma pegada humana antiga, já mal delineada, mas ainda distinta do banal. “Isso foi ontem”, disse, “um passo hesitante”. Atribuiu a alguém que carregava peso, talvez um balde, talvez um remorso. A etnografia da praia pode ser tão severa quanto a de qualquer cidade: o chão escreve tudo, nós é que esquecemos de ler. Pensei nos arquivos — os que se guardam em caixas de sapato, os que se soterra para sempre — e percebi que a maré não é censora; é editora severa. Não proíbe a palavra, mas corta adjetivos, reescreve perífrases, apaga os excessos de vaidade com uma única passada de espuma. Essa oficina à beira d’água ensina um estilo: conciso, atento, revisto pelo tempo.

Lembrei-me de Warburg e do seu Atlas Mnemosyne, coleção de constelações onde a imagem migra como um pássaro inquieto entre épocas. Ali, diante de mim, uma

constelação mínima: um caranguejo, um anel de plástico, três pedrinhas. Um triângulo bambo que me dizia qualquer coisa sobre a infância — minha, talvez, ou a de outro que nunca conheci. A memória, suponho, é a maré que cada um carrega no peito: vem e vai, trazendo pedaços de madeira e músicas inteiras, recobrando o que pensa esconder, exibindo o que julgávamos perdido. Não há catalogadora capaz de acompanhar a irrupção e o retraimento desses índices. O máximo que se pode fazer é caminhar devagar, recolher no bolso uma frase, outra, e aceitar o resto como rumor.

A biblioteca subterrânea ficava mais funda à medida que o sol subia. As poças serviam de vitrines a um bestiário discreto: poliquetas, caramujos, um siri que, ao notar meus olhos, parou, ergueu-se e pareceu me medir — leitor avaliando leitor. “Não se assuste”, eu disse em voz baixa, “sei que há livros que preferem permanecer fechados”. Há silêncios que são método, não omissão. E, no entanto, até o siri deixou um acento agudo na superfície, sinal de que passou, leu-me e seguiu. Também eu, com minhas solas molhadas, tentava não escrever demais: um passo e outro, linha curta, verso branco, estrofe sem rima. A crônica, ali, tinha de obedecer à maré.

Vi uma criança construindo um castelo e perguntei que sala da biblioteca era aquela. “É a torre mais alta”, respondeu, bastante sério, “onde o rei dorme com as chuvas”. O pai observava de longe, fotografando a cada pá de areia, como quem carimba a folha de empréstimo com a data de hoje. Pensei: ninguém entra duas vezes na mesma maré, mas uma fotografia é uma espécie de prorrogação do prazo. Dura o necessário para atravessar o esquecimento com um barquinho de papel. Quando o primeiro jato d’água alcançou os alicerces, a criança não chorou: deitou-se ao lado da obra e riu — leitor que fecha o livro satisfeito. O pai guardou o celular no bolso como quem devolve o volume ao balcão, agradecido pela consulta.

Mais adiante, um tronco escuro parecia naufragado. Sentei-me e fiz meu inventário: um anzol oxidado, um pedaço de cerâmica, duas conchas que se encaixavam como reticências. Em volta do tronco, pequenos buracos — talvez de anelídeos, talvez de perguntas. Quem você foi? Quantas chuvas o tornaram menos árvore e mais frase? O mar, que às vezes é um professor impaciente, respondeu com espuma pela metade e uma risada curta, vento em ráfaga: “Não catalogues em excesso”, parecia dizer. “Aceita o índice: é generoso o bastante.” E eu aceitei, por fim, que certos capítulos são apócrifos por direito, e resistem a toda mesa de fichário.

A manhã já dobrava a esquina quando as primeiras gotas começaram a cair, não de trovoadas, ainda, mas de aviso. O bibliotecário recolheu a vara, deu um aceno e sumiu atrás de um morro de areia, guardião de um acervo que se desfaz para existir. A maré crescia como bibliotecária que apaga as luzes do salão de leitura:

“Senhores, por hoje basta”. Não há tragédia nesse anúncio, apenas calendário. As águas cobriram, com eficiência de quem sabe, as frases que pusemos, as aspas que deixamos abertas, o capítulo quase inteiro do castelo. E, se amanhã o livro reabrir, será outro — a mesma lombada de horizonte, páginas novas de lama, margens corrigidas.

Antes de ir, olhei minhas próprias pegadas, linha mal traçada que cortava a praia em ziguezague. Pensei em anotá-las num caderno, mas o caderno, ali, parecia redundante. Cada vida já vai deixando, onde passa, sua bibliografia; alguns títulos são ditos em voz alta, outros circulam em cópias clandestinas, e a maioria — a parte boa — só pode ser lida por quem esteve junto quando foram escritos. Despedi-me do chão exposto com uma breve reverência. Quando a água cobriu o primeiro sulco, vi, com nitidez, o gesto final: o mar fechou o volume com a lombada de espuma, e o silêncio, grato, colocou o livro de volta na estante.

Se amanhã eu voltar, não será para reler: será para aprender a caminhar de novo — e, quem sabe, merecer outra vez a paciência desse bibliotecário imenso que nos empresta o mundo por algumas horas.